

DESIGN E SEMIÓTICA DA CULTURA: A PRODUÇÃO METATEXTUAL A PARTIR DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO VALE DO AMANHECER¹

Cleyton Santos FERREIRA²
Fátima Aparecida dos SANTOS³
Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF

RESUMO

O presente artigo explora o exercício do espaço no Vale do Amanhecer, bairro que surgiu com a formação da "Brasília Mística", durante a construção da capital brasileira, no qual várias comunidades religiosas se estabeleceram. Este bairro passou por um processo de urbanização nos anos 1990, se tornando um dos mais populosos de Planaltina-DF, e um dos mais ricos em textos culturais de origens sincréticas. O trabalho explora, através do método cartográfico, o conceito de fronteira, conforme definido por Lotman e discutido por Nakagawa e Nakagawa, e sua crucialidade para a definição de individualidades semióticas que, através do exercício da cultura no cotidiano, imprimem na cidade modos de experienciar, transformar e criar identidades culturais. Essas experiências do espaço podendo ser lido através de suas dialogias. A pesquisa foca na percepção ambiental dos moradores, utilizando métodos cartográficos para mapear experiências espaciais e culturais significativas.

PALAVRAS-CHAVE: Vale do Amanhecer; individualidade semiótica; percepção ambiental, cartografia

INTRODUÇÃO

Com o surgimento de Brasília, diversas aglomerações de diferentes origens religiosas se estabeleceram na futura capital do país, formando o que nos estudos de Reis (2010) é denominado Brasília Mística. Parte dessa concentração sacra deu à capital uma aura profética, que Cavalcante (2011) classifica como um dos pilares que justificaram a vinda da capital para o centro cerratense do Brasil. O movimento de afluência de trabalhadores, potencializado pelos ideais democráticos e laicos do país (efervescentes na

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Designer e mestrando em Design, Tecnologia e Sociedade do Programa de Pós Graduação em Design da Universidade de Brasília – PPG Design UnB, e-mail: cleytonsanf@gmail.com.

³ Fátima Aparecida dos Santos, Designer pela UNESP, mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, com pesquisa na área de semiótica da cultura, investigando a relação entre design, web e cidade. Estágio pós doutoral na Università Degli Studi di Torino. Professora do Departamento de Design, Instituto de Artes da Universidade de Brasília desde 2008. Membro Programa de Pós-graduação em Design da UnB. Atualmente é Diretora do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

época), criou uma gama plural de manifestações culturais e religiosas, com matrizes variadas e advindas de diferentes partes mundo. Foi a partir dessas condições que surgiu o Vale do Amanhecer, uma das principais comunidades religiosas do Distrito Federal, que se estabeleceu a partir dos dogmas espiritualistas cristãos, com influência de outros segmentos religiosos e midiáticos, dando à doutrina idealizada por Neiva Chavez Zelaya (1925-1985) variações sincréticas que refletem ainda no cotidiano do bairro, marcando novas formas de pensar o espaço e as futuras espacialidades.

Desde sua fundação no final dos anos 1960, O Vale, como é popularmente referido, passou por um processo de evolução funcional. O que no início era apenas uma comunidade religiosa tomou formas mais cidadinas, tendo trocas mais diretas com Planaltina, principalmente pela falta de serviços básicos, o que fez com que a comunidade religiosa fechada se abrisse cada vez mais, contando com uma população de 20 mil habitantes no começo dos anos 2000, o que mudou o paradigma funcional de sua urbe, no sentido descrito por Nakagawa e Nakagawa (2020).

Para Nakagawa e Nakagawa (ibid.) a periferia é um espaço articulador de sentidos, fazendo com que as espacialidades que surgem a partir dessa localização sejam responsáveis pela efervescência de textos culturais⁴ que marcam a identidade dos círculos centrais de uma cultura. Dessa forma, o Vale do Amanhecer não apenas articula textos com as espacialidades que periferiza, mas também tem em sua especialidade periferias que garantem a articulação dos textos que marcam sua identidade. Esse movimento, denominado articulação periférica, é sentido pelos moradores do Vale nos últimos anos. Apesar de se distanciar gradativamente da doutrina religiosa, o bairro ainda tem em sua centralidade as produções textuais que se relacionam, principalmente, com os espaços que surgiram – e surgem - a partir da doutrina religiosa. Moldando as experiências do espaço, que, a partir de Lotman (1996, 1998), chamaremos de dogmas.

Esses textos dogmáticos dão ao Vale insumos para o estabelecimento de fronteiras marcadas pelo binarismo cultural, onde as identidades culturais são demarcadas a partir da negação de signos que estão fora do círculo de cultura do qual as identidades partem, criando na comunidade um território fértil para a fomentação do sentimento de isolamento, comum em culturas guiadas pela lógica binária, no sentido descrito por

⁴ Nesse sentido, textos culturais são descritos por Lotman (1991, 1996, 1998, 2019) não como textos apenas em sua definição literal, mas um aparato sógnico que surge através das manifestações de uma cultura e dão sentido a mesma.

Nakagawa e Nakagawa (2022). Por ser uma comunidade que surge a partir de textos culturais marcados pelo sincretismo e sobretudo pelo misticismo, é corriqueiro que os moradores reportem algum tipo de ataque com origem no preconceito religioso. Esses textos são perceptíveis pelo modo que se articulam periféricamente, transformando a ocupação do espaço - e das pessoas que o ocupam - através dos aspectos de visibilidade e visualidade, no sentido descrito por Ferrara (2000, 2002), o qual faz do bairro um espaço com reservatório visual rico em textos marginalizados que reforçam iconografias sacras que servem para reafirmar a posição dos moradores em relação às suas próprias identidades e as identidades negadas no próprio espaço do bairro.

Esse artigo serve, portanto, como um registro dessas relações, utilizando-se do método cartográfico sentimental descrito por Rolnik (2011), da percepção ambiental descrita por Ferrara (1991) e da ideia de diagrama descrita por Peirce (2003). A pesquisa se desenvolve a partir da utilização de formulários com o que chamaremos de mapas afetivos, que servem como método de levantamento de dados qualitativos acerca das construções afetivas, e o efeito dialógico do espaço nas identidades dos moradores do Vale do Amanhecer.

Identidade, Pertencimento e Individualidades Semióticas

Identidade e pertencimento são conceitos cuja indissociabilidade dá o contexto para que a necessidade de se inserir em uma comunidade, coletividade ou lugar seja compreendida. Essa relação conceitual é estudada por diversos sociólogos e filósofos, entre os quais se destaca Bauman por sua compreensão acerca da busca pela identidade como uma necessidade básica humana, seguindo a linha de pensamento de que a associação a uma identidade pode ser ainda mais forte ou necessária quando essa está ameaçada, podendo ser buscada ou imposta.

Ainda em Bauman (2012), pode se explorar a ideia de que é a partir de como as identidades são impressas no mundo, através da significação, que se criam os cenários que proporcionam o que se pode chamar de requisitos para o pertencimento. Dessa forma, é possível afirmar que a busca por pertencimento requer trocas ativas com os meios, esse tipo de interação varia de acordo com a temporalidade dos objetos e dos próprios espaços.

A pertença, contudo, não é viável se a totalidade em questão transcender a capacidade da “massa cinzenta” – quando ela se torna, por esse motivo, uma comunidade abstrata, “imaginada”. Alguém pertence a um congregado de pessoas igual ou menor que a rede de interações pessoais, face a face, vinculadas na rotina cotidiana ou no ciclo anual

de encontros; é preciso identificar-se com a totalidade “imaginada”. Essa última tarefa exige um esforço especial, diferente dos afazeres do dia a dia, e, portanto, é concebida como uma atividade de aprendizado distinta. (BAUMAN, 2012, p. 632-639)

O pertencimento, dentro dessa ideia, não apenas depende da busca ativa por uma identidade, sendo praticado, mas também do contexto, tornando o espaço e sua temporalidade imprescindíveis para a criação de limites compreensíveis, sobre os quais dissertaremos usando a ideia de individualidade semiótica descrita por Lotman (1998, 2000) e explorado por Nakagawa e Nakagawa (2022). Assim, o espaço deixa de ser apenas um elemento e passa ser parte ativa da prática da identidade, tal como compreende De Certeau (2014), fazendo da práxis o mecanismo de criação de sentidos que dá significado aos textos culturais, que em paralelo com a semiótica peirceana se dá através da semiose.

Para Hall (2020), a representação é essencial para a manutenção e a garantia da existência de uma cultura. Partindo da ideia de representação como reprodução de códigos, tendo essas influência nas espacialidades, a subversão funcional do espaço ocorre como consequência da transformação dos espaços como uma necessidade de adequação do mesmo para o pertencimento.

“Além disso, em todas as fases do desenvolvimento de uma cultura, ocorrem contatos com textos emanados de culturas que antes estavam fora das fronteiras da cultura em estudo. Essas invasões às vezes ocorrem por meio de textos isolados ou camadas culturais inteiras e afetam de várias maneiras a estrutura da “imagem de mundo” da cultura em questão. Através de cada fatia síncrona da semiosfera, diferentes linguagens, em diferentes estágios de seus respectivos desenvolvimentos, estão em conflito, e alguns textos estão submersos em linguagens que não são as suas, enquanto os códigos que permitem enquanto os códigos que permitem decifrá-los estão totalmente ausentes” (LOTMAN, 2019, p. 11)

Dentro dessa ideia, os ritos do dia-a-dia são agentes de semiose, pelos quais as relações com o meio, assim como com os objetos do meio, dão sustentação dialógica, no sentido explicado por Ferrara (2000, 2002)⁵, à novas práticas, carregando-as com os

⁵ “Enquanto análise da cidade nos seus espaços de representação, a semiótica visual estuda o que ocorre nesse espaço e, sobretudo, os signos da sua construção e dos seus modos de produção. Assim, a semiótica visual constitui uma experiência pedagógica do olhar na cidade: ensina-se ver-a-cidade através da leitura de suas marcas. Das cidades antigas às pós-modernas, essas marcas escrevem uma história visual que vai do ritual à reprodutibilidade (Benjamin, 1975: 9), da orgânica funcionalidade à sinestesia tátil-visual, da cidade física à possível interação virtual.” (FERRARA, 2002, p. 37)

simbolismos necessários para sustentar, dentro da lógica binária da construção de uma identidade cultural, os pilares para o firmamento de novas fronteiras, novos objetos e, por fim, novos meios. É dentro de fronteiras que nascem, com caráter dogmático e de distanciamento de alteridades, os textos centrais que definem um “nós” dentro de um círculo cultural, o que para Lotman (1996) compõe a membrana da semiosfera, essencial para que haja a auto identificação e a reprodutibilidade de uma linguagem dentro de um círculo de cultura, evidenciando o “nós” e “eles”.

“São as relações espaciais que permitem posicionar um determinado ponto de vista na cultura, fazendo com que se estabeleça a partir daí contrapontos com a “não cultura”, ou seja, com aquilo que está fora da abrangência de uma cultura específica, em que se situa o que não foi representado, traduzido ou organizado pelas linguagens de uma determinada esfera, portanto, que não está disponível como informação. Dentro/fora, próximo/distante, aqui/acolá não são pares que estão apenas em oposição, mas, sobretudo, são percepções ambivalentes e sempre em interação. (NAKAGAWA, R. NAKAGAWA, F. 2020, p. 173)

Cercado por um muro de pedras e morros, o Vale do Amanhecer existe - como todo espaço - para além da sua extensão tátil e palpável. O bairro surgiu no final da década de 60, a partir dos ideais religiosos de Neiva Chavez Zelaya, e desde que primeiro se desenhou já foi tomado por sua aura mística, incorporando o esoterismo de alguns dos movimentos em evidência na época aos movimentos doutrinários e espaços religiosos que surgiram, e que Reis (2010) explica como parte essencial da nova capital, dando origem ao movimento denominado como Brasília Mística.



Figura 1 – Templo religiosos do Vale do Amanhecer



Figura 2 – Estátua de Tia Neiva.

Segunda Cavalcante (2010), a doutrina religiosa de Tia Neiva surgiu a partir da sensação de insuficiência da médium em outras religiões espiritualistas, o que fez com

que a então caminhoneira decidiu por fundar um espaço onde pudesse praticar a totalidade da sua fé, criando um templo primeiro em Taguatinga⁶, para alguns anos depois estabelecer o principal templo da nova doutrina a 9 quilômetros de centro de Planaltina, a mais antiga Região Administrativa do DF.⁷



Figura 3 – Estrela Candente, um dos principais templos da doutrina.



Figura 4 – Morro do Salve Deus.

O Vale do Amanhecer é uma doutrina religiosa que se destaca por sua variedade sincrética, que engloba desde textos culturais de religiões de matriz africana, rituais indígenas e até mesmo católicos. Cavalcanti (2011) acrescenta que a doutrina de Neiva traduziu para si movimentos populares na época da criação dos textos centrais de suas linguagens, como a egiptomania, o *new age* e diversos textos de mídias audiovisuais importantes na época. Essa mistura se vê refletida nas indumentarias utilizadas pelos fiéis, em peças gráficas e visuais espalhadas pela urbe e principalmente na arquitetura dos templos e do próprio bairro, que segue, entre outros movimentos, uma tendência *kitsch* e vernacular. Essa mistura esotérica chama atenção, transformando o bairro em um dos espaços mais visitados do DF, mas também atrai atenção negativa. Segundo os moradores entrevistados, ataques intolerantes de cunho religioso e preconceituosos são comuns mesmo para moradores que não são praticantes da doutrina.

O bairro evoluiu, passando por um processo de urbanização nos anos 1990, e de expansão nos anos seguintes, com o surgimento de vilas e de espaços considerados periféricos e, por fim, se tornou um dos mais populosos bairros da Região Administrativa

⁶ Uma das primeiras Regiões Administrativas do Distrito Federal, localizada ao sul do Plano Piloto, cerca de 25km da rodoviária central.

⁷ Planaltina é uma Região Administrativa do Distrito Federal que, de acordo com documentos datados do século XIX, existe há mais de 150 anos, embora, historiadores do grupo Amigos do Centro Histórico de Planaltina (ACHP) discorrem que a cidade pode existir há mais de 200 anos. A cidade fica a cerca de 40 quilômetros do Plano Piloto.

de Planaltina. O território conta com uma população estimada de 30 mil habitantes, crescimento que fez com que o local tivesse sua funcionalidade, no sentido descrito por Nakagawa e Nakagawa (2020), remoldada, deixando de ser um espaço exclusivamente religioso e ganhando uma roupagem periférica, fazendo parte da rica gama de espacialidades às margens do Plano Piloto, que surgem de Brasília e para Brasília.

Percurso Metodológico

A construção de memória, cultura e identidade, à qual o trabalho irá se ater como individualidade semiótica, pode ser observada na construção textual, e traduzida a partir da concepção de metatextos, sendo esses textos culturais que referenciam outros textos culturais. Dentro dessa pesquisa, a construção metatextual se deu a partir de mapas afetivos, que buscam, nas construções dialógicas dos espaços, a extensão de identificação e reprodução dos meios a partir das relações de afetividade com o meio. Compreenderemos a produção de textos culturais a partir dos textos levantados através de entrevistas abertas com moradores. Os mapas, produzidos após tratamento dos dados levantados através de aplicação de formulários cartográficos, descritos abaixo, se transformaram em peças de design, o produto almejado como resultado da pesquisa.

Isso posto, a investigação que o artigo reporta parte de três momentos:

- O primeiro, a realização de derivas, seguindo o método descrito por Debord (2003), que, além de explorar o espaço a partir de caminhadas, também foca na realização de entrevistas a fim de entender as relações espaciais a partir do relato, como descrito por De Certeau (2014).

- O segundo, sustentando-se no conceito de percepção ambiental, explorado por Ferrara (1993)⁸, focando na criação de mapas afetivos que partem do apontamento dos moradores, através da criação de cartografias. Foram impressos mapas da extensão urbana do Vale do Amanhecer, nos quais os moradores puderam marcar onde sentiam que os lugares eram mais apropriados à prática da fé, do aprender, da arte, da fotografia, do sonhar e do não ir. O teste foi realizado com 30 pessoas com idade entre 16 e 60 anos,

⁸ “A percepção semiótica, enquanto capacidade de aprender e gerar informação a partir da experiência, capacidade inerente aos seres humanos, divide-se em duas dimensões: o percepto e o juízo perceptivo. O percepto não agride ou estimula a percepção, daí ser uma fala ausente: “o percepto... é completamente mudo (Peirce, Collected Papers, 7.622). É uma imagem que se apresenta imediatamente na sensação de sua materialidade e sob o impacto de seu atrito polissensorial, sem nos permitir o conhecimento ou a consciência do modo pelo qual se constrói.” (FERRARA, 1993, p. 107)

com uma amostra balanceada de pessoas do gênero masculino e feminino. Para preencher o mapa foram utilizados adesivos coloridos com 6cm de circunferência, que foram destacados e aplicados em cima do mapa, sem interferência.



Figura 5 – Mapa de afetos com marcações de lugares de aprender.



Figura 6 – Mapa de afetos com marcações de lugares de fotografar.

- Amarelo: lugar de aprender: No mapa foram apontados alguns espaços que não necessariamente nasceram com esse propósito - como as escolas, que apesar de terem sido marcadas, dividiram essa função com espaços como o campo de futebol, alguns dos templos religiosos da doutrina do Vale do Amanhecer, a quadra poliesportiva e alguns espaços reservados para o exercício da cultura.
- Azul: lugar de fotografar: Sendo a visibilidade um dos aspectos mais importantes de uma espacialidade para Ferrara (2000), as marcações de azul são reflexo das relações de registro de relações com o espaço, sendo um modo das pessoas se verem inseridas e salientarem os espaços que refletem o vínculo desses com sua temporalidade. Destacaram-se o Lago de Iemanjá e o Morro do Salve Deus, além de alguns pontos que foram distribuídos distantes da mancha urbana do bairro, marcando as paisagens naturais que circundam o Vale.
- Vermelho: lugar de fé: A história do Vale do Amanhecer está intrinsecamente ligada com a prática da fé. Segundo a biografia da fundadora da doutrina religiosa, a escolha por um espaço relativamente distante do centro de Brasília veio do anseio por um lugar onde as práticas religiosas, relacionadas com frequência por grupos externos a esses círculos de cultura com práticas obscuras, bruxaria e magia negra, pudessem ser realizadas sem importunação. Entre as marcações mais numerosas estão os templos religiosos da própria doutrina. Destacam-se também

marcações em igrejas católicas, espaços não religiosos em conjuntos residenciais e terreiros de macumba.

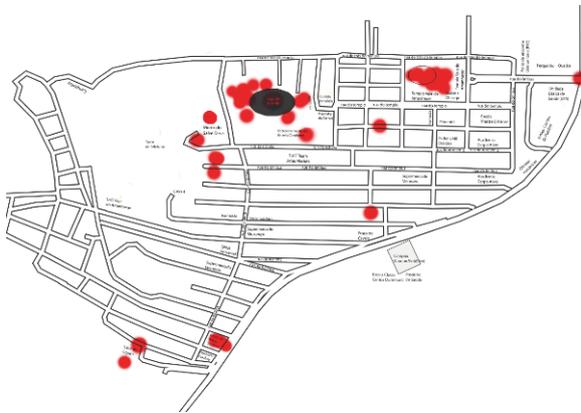


Figura 7 – Mapa de afetos com marcações de lugares de fé.



Figura 8 – Mapa de afetos com marcações de lugares de arte.



Figura 9 – Mapa de afetos com marcações de lugares de fé.

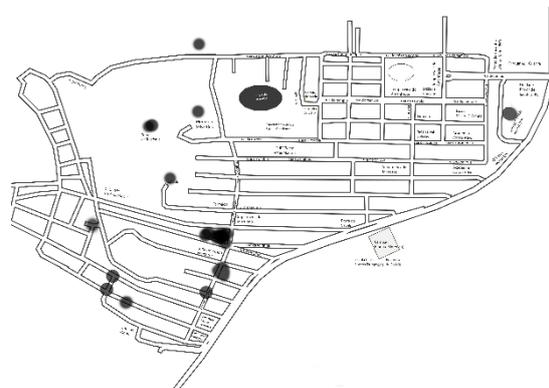


Figura 10 – Mapa de afetos com marcações de lugares para não ir.

- Verde: lugar de arte: Ainda se tratando de estética, a arte tem o potencial de transformar, sendo essa uma das ferramentas essenciais na significação e na representação de espaços. A maioria dos entrevistados citaram espaços que outrora serviram como espaço de produção de arte, mas que foram desativados, ou tiveram suas designações funcionais repensadas. Lugares de realização de eventos musicais e de encontros culturais espalhados pela cidade estiveram também entre os mais apontados, sendo um dos mais pontuados o Castelo do Vilela⁹.

⁹ Vilela é um artista plástico que se tornou importante no Vale do Amanhecer após dar formas visuais as visões de Tia Neiva. O pintor virou uma peça ainda mais fundamental ao bairro depois de criar um espaço

- Roxo: Lugar de sonhar: Durante a realização das entrevistas foi perceptível o quanto os moradores mencionam sonhos, expectativas e divagações esperançosas sobre o futuro de si e do próprio bairro. Para alguns dos entrevistados, o futuro está fora do Vale, mas com a cidade como uma base. Para outros, o futuro está em buscar melhorias para o lugar e para a comunidade. Mesmo pessoas que não vieram ao Vale pela espiritualidade construíram o espaço a partir de sonhos, fazendo do lugar um convite à utopia. As marcações foram variadas, mas destacam-se as marcações na Vila Pacheco, extensão do bairro que se destaca pelos relatos dos moradores sobre a falta de segurança e estrutura.
- Preto: lugar para não ir: A Vila Pacheco foi por muitos mencionada como um lugar para se ter cautela. O loteamento dessa parcela do bairro atraiu pessoas com nenhuma ou pouca ligação com o Vale, o que criou um território menos afortunado. Por mais que o bairro tenha crescido a partir de dogmas da doutrina religiosa, que prega sobretudo amor, tolerância e humildade, o crescimento descontrolado do bairro, junto com uma ausência perceptível do estado, pode ter contribuído para o crescimento da criminalidade no lugar. Mas não apenas isso faz dos moradores cautelosos em relações a alguns dos espaços da comunidade: alguns moradores apontam locais com contraindicações por motivos de intolerância, como é o caso da Igreja Universal, e por motivos energéticos, como é o caso do Morro do Salve Deus e da Torre de Comunicação.

Existe uma divisão clara no Vale do Amanhecer, o que evidencia ainda mais a construção binária dos círculos culturais no bairro, no sentido descrito por Nakagawa e Nakagawa (2022). Para alguns moradores entrevistados a divisão do Vale do Amanhecer em Vale e Pacheco cria um sentimento oposto ao de pertencimento, distanciando os moradores de pautas que beneficiam essas duas parcelas do espaço. Para eles, o Pacheco, como é apontado pelos moradores das áreas mais centrais do bairro, não existe de fato: apesar de existir uma Vila Pacheco, essa nomenclatura se estende para diversos outros espaços do bairro afim de definir essas zonas tidas como perigosas, e também como uma forma pejorativa denominar as zonas às margens do bairro. Diversos moradores acreditam

para a prática de atividades culturais em sua casa, um castelo localizado próximo ao templo da Estrela Candente.

em uma unificação do espaço e na criação do senso de uniformização do território a partir da coletividade e do senso de comunidade.

O terceiro momento da pesquisa girou em torno do tratamento, interpretação e tradução desses dados. Os mapas foram digitalizados e divididos em diagramas com foco em cada um dos sentimentos levantados. Por último, as marcações foram aglomeradas em um único mapa, com toda a extensão afetiva levantada. Nessa etapa as derivas e entrevistas foram essenciais para que, não apenas os espaços comerciais, que são evidenciados pela tecnologia, estivessem à vista, além de compreender que algumas das marcações partiam também de um exercício de memória que buscava espaços que não necessariamente desempenhavam as funções par as quais foram designados.



Figura 10 – Mapa de afetos com marcações de lugares para não ir.

Potencialidades Metatextuais e Algumas Considerações

O trabalho visa traduzir a extensão dialógica, conceituada por Ferrara (1981), das relações de construção espacial e da extensão afetiva dos espaços em dados, sendo esses objetos de representação que levem em consideração as percepções dos moradores do Vale do Amanhecer. Postas dessa forma, essas representações podem ser tornar importantes para a compreensão dos sentidos estabelecidos para os espaços e das memórias dentro desse círculo cultural, rico em textos e identidades marginalizadas, e

também dados importantes para a promoção da reivindicação de identidades e do direito à cidade.

Embora para muitos exista uma grande distância do que é considerado arte e do que é considerado design, este trabalho parte da ideia que o design desempenha um papel de condensador de linguagens artísticas, dentro do que o próprio Lotman (2022) compreende como variedade de linguagens dentro da arte em si. O design, a partir das suas extensões estéticas e funcionais, tem o potencial de tornar traduzíveis diferentes textos, o que se faz importante nesse trabalho devido à quantidade de significações dos quais ele parte, como também para a tradução dos dados angariados através dos formulários aplicados com os moradores.

A arte ocupa uma posição especial dentro do sistema de mecanismos geradores de sentido. Suas significações baseiam-se essencialmente na intraduzibilidade das obras de arte em linguagens não artísticas. Esta intraduzibilidade, entretanto, não apenas não elimina como também estimula novas e contínuas tentativas de traduções não adequadas. Essas traduções, então, funcionam como mecanismos geradores de novos sentidos. (LOTMAN, 2022, p. 111)

O mapa afetivo, criado a partir de relações que partem de diferentes perspectivas sobre a inserção de si nesse espaço, cujas dialogias convidam a diferentes arranjos sentimentais, é um produto com potencialidades representativas que partem de importantes textos culturais, abrindo para uma gama plural de interpretações, cuja existência pode salientar discussões acerca da importância das identidades – marginalizadas – existentes no Vale. Com esse mapa, que surge através da tradução desses dados na forma de peça gráfica e visual, sua aplicação nos espaços mais importantes, de acordo com os percursos gerados pelo método cartográfico, pode trazer reflexões e reviver discussões importantes para a perpetuação da dimensão afetiva do Vale do Amanhecer. Além disso, a aplicação do próprio mapa, ou a divulgação do seu acesso através dos espaços digitais, pode dar base para a fomentação de discussões acerca da importância do lugar e da própria comunidade para as pessoas que a constroem, para Brasília e para o Brasil.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt, **Ensaio sobre o Conceito de Cultura**. Tradução: Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CAVALCANTE, Carmen Luisa, **Dialogias no Vale do Amanhecer: Os signos de um imaginário religioso**. Expressão Gráfica Editora, 2011.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Brasil: Vozes, 2014.
- DEBORD, G. **Teoria da Deriva**. In; JAQUES, P. B. (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- FERRARA, Lucrécia. **Design em Espaços**. São Paulo: Rosari, 2002.
- FERRARA, Lucrécia. **Os Significados Urbanos**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp, 2000.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio, **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**, EdUSP, São Paulo, 1993.
- FERRARA, Lucrécia. **Semiótica: A estratégia do Signo**, Editora Perspectiva, São Paulo, 1981.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2020.
- NAKAGAWA, Regiane. **Modelização espacial, comunicação e memória cultural no bairro Lavapiés, em Madrid: a questão das corralas**. Em: *Comun. Mídia Consumo*, São Paulo, V. 18, N. 52, P. 336-363, Mai./Ago. 2021
- NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; NAKAGAWA, Fábio Sadao. **As culturas binárias e ternárias: da intolerância à tradução semiótica**. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 3. São Paulo, dezembro de 2022. p. 201-217. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>.
- NAKAGAWA, Fábio, NAKAGAWA, Regiane. **A urbe articulada pela lógica periférica da semiosfera: análise do Centro Social Autogestionado La Tabacalera, na cidade de Madri**. Em: *Política e Cultura em Revista*, Salvador, v. 13, n. 2, p. 165-192, jul./dez. 2020.
- LOTMAN, Iuri. **Mecanismos Imprevisíveis da Cultura**. Tradução e Organização: Irena Machado. Hucitec Editora, 2022.
- LOTMAN, Iuri. **La semiosfera**. Traducción: Desidero Blanco. Universidad de Lima, 2019.
- LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra, 1996.
- LOTMAN, Iuri. **La Semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**. Madri: Cátedra, 1998.
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS. 2011.

SANTOS, Fatima, FERRAZ. Sejam os Transitórios: Tempo, Espaço e Alegoria Analisados a Partir de Cartazes e Pichações em Brasília. Em: **Intercom** - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 2018.

SANTOS, Fatima. SEMIOSFERAS E FORMAS DE VIDA. em: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará**. v. 12, n. 1, jan./jun. 2021

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2020.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes. 1979.

SIQUEIRA, REIS, ZELAYA, RAMASSOTE. **Vale do Amanhecer: Inventário Nacional de Referências Culturais**. – Brasília, DF: Superintendência do Iphan no Distrito Federal, 2010.